



5478 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

A VIOLÊNCIA SOFRIDA POR PROFESSORES(RAS) HOMOSSEXUAIS NA ESCOLA: APONTAMENTOS CONTEMPORÂNEOS
Maria Edilene Araújo Silva - UECE - Universidade Estadual do Ceará
Antonia Solange Pinheiro Xerez - UECE - Universidade Estadual do Ceará

A VIOLÊNCIA SOFRIDA POR PROFESSORES(RAS) HOMOSSEXUAIS NA ESCOLA: APONTAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

RESUMO

Esta pesquisa coloca em discussão a violência sofrida por professores homossexuais no ambiente escolar no contexto contemporâneo. O objetivo neste estudo foi analisar e refletir as situações de violência sofrida pelos professores e professoras homossexuais das escolas estaduais do município de Iguatu - Ceará. Justifica-se a relevância desse estudo em virtude da realidade observada na sociedade brasileira atual, em que ocorrem diariamente, várias formas de violência contra homossexuais. O estudo trata de uma pesquisa de campo qualitativa do tipo descritiva e exploratória. Para a coleta dos dados, os professores responderam um questionário semiestruturado contendo seis perguntas que foram expostas, interpretadas e analisadas através do método de análise de conteúdo. Como resultado obteve-se que parte dos investigados sofreram ou vivenciaram situações de violência relacionada a sexualidade, sendo que a violência psicológica, moral e verbal são as que mais estão presentes no cotidiano de trabalho dos docentes. Observou-se também que eles se utilizam de várias estratégias para lidarem com a discriminação.

Palavras-chave: Violência. Professores. Homossexualidade. Ambiente Escolar.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno sócio histórico que através de guerras, disputas territoriais e abuso de poder, integram o processo de evolução das sociedades. Nesse contexto, tem-se a brutalidade da maneira mais explícita, com fatos ocorridos que estão presentes na história, no qual conseguimos identifica-la facilmente. Porém, atualmente vivencia-se no cotidiano tipos de violência que ocorrem não só explicitamente, mas também de maneira implícita e tais fatos, muitas vezes, não são percebidos e nem entendidos como abuso, pelos indivíduos inseridos na dinâmica social.

Nos dias atuais, a violência tem sido cometida e vivenciada de várias maneiras, nas quais observa-se: violência contra a mulher, violência de gênero, violência doméstica, violência familiar, violência física, violência institucional, violência patrimonial, violência sexual. Além destas, destaca-se diariamente em diferentes meios de comunicação e de forma cada vez mais frequente, a violência no âmbito escolar.

Soares e Machado (2013), ressaltam que a escola não consegue impedir a manifestação da violência dentro de seus espaços, isso porque, ela está intrínseca na sociedade, sendo assim acaba absorvendo os fenômenos que estão inseridos no contexto social. As autoras ainda destacam que a violência ocorrida no espaço escolar não aparece apenas no plano físico, mas no psicológico e moral.

Todos aqueles que integram a escola (alunos, professores, coordenadores, secretários, etc.), perpassam em seu cotidiano escolar por situações que podem ser caracterizadas como violência. Porém, evidenciam-se dentro desse contexto a violência sofrida pelos professores em seu campo de trabalho, principalmente aqueles que tem sua sexualidade diferente dos padrões heteronormativos estabelecidos pela sociedade.

Ocorre, que nos dias atuais, professores tem sido alvo de agressões físicas, verbais e psicológicas, acarretando falta de motivação aos docentes, que desanimados com as condições de falta de estrutura, carência de materiais, baixos salários e ausência de incentivos, ainda tem que trabalhar em ambientes hostis nos quais são atacados de várias formas por alunos e pais de alunos (GURGEL, MATOS e VIANA, 2012).

Além, do aumento considerável da violência contra os professores no espaço escolar, observa-se que a hostilidade, as agressões e o abusos contra os homossexuais tem ocorrido de forma cada vez mais explícita na sociedade atual e se alastra nas esferas institucionais à revelia do amparo legal e do respeito à dignidade humana.

No Brasil o número de violência e assassinatos contra o público LGBTI+ (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) é bastante preocupante, para se ter uma ideia no ano de 2018 cerca de 420 LGBTI+ foram vítimas da homofobia/transfobia, colocando o Brasil entre os países em que mais se comentem crimes contra as minorias sexuais (GRUPO GAY DA BAHIA - GGB, 2019). Pensando nessa triste realidade de violência contra professores e homossexuais no país surgiu-nos a seguinte indagação: os professores/professoras homossexuais sofrem ou já sofreram violência no ambiente escolar?

Como objetivo geral desta pesquisa busca-se analisar se professores e professoras homossexuais das escolas estaduais do município de Iguatu - Ceará sofrem ou já sofreram violência no âmbito escolar. De forma mais específica pretende-se averiguar quais são os tipos de violência aturada pelos professores e professoras homossexuais na escola e investigar como os docentes pesquisados lidam com a violência sofrida no seu ambiente de trabalho.

Justifica-se esse estudo por meio da realidade percebida no contexto social brasileiro, em que se observa diariamente fatos de violência contra homossexuais, discriminações e agressões, que em alguns casos ocasionam até morte dessas pessoas. Segundo Ramos e Carrara (2006), desde dos anos 1980 no Brasil, a violência contra homossexuais tem aumentado progressivamente, tanto que as denúncias de agressões e discriminações motivadas pela sexualidade

passaram a ser um marco importante do movimento homossexual brasileiro. Por isso, acredita-se ser relevante investigar, conhecer a realidade e debater sobre a violência sofrida pelos professores homossexuais no ambiente escolar. Para que, desta forma, possam ser criadas estratégias e projetos no intuito de minimizar a discriminação e reduzir o número de violência contra os docentes em seu espaço de trabalho.

RESGATE TEÓRICO

A violência é um fenômeno presente em toda a sociedade, que fez parte do processo histórico evolutivo da humanidade. Não se trata apenas de crimes, agressões verbais ou físicas, a violência é um fator minucioso que, muitas vezes, passa despercebido por aqueles indivíduos que sofrem ou a cometem. A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), define violência como o uso de força ou de poder para ferir a integridade de alguém, de si próprio ou de uma comunidade.

Em seu livro, Modena (2016), refere-se à violência como algo natural do ser humano, ou seja, ninguém está imune a ela, pois todos já a carregam em si. Em contrapartida, Silva (2010), diz que a violência surgiu das relações humanas, e que sem elas a mesma não existiria pois não é algo individual. Considerando as duas ideias, tem-se a violência como algo inevitável, já que a mesma está presente na individualidade e nas relações humanas. Assim, torna-se relevante estudar a violência a partir do indivíduo, é necessário entendê-la como fenômeno social.

Descrever as causas da violência é praticamente impossível por conta de sua dimensão abrangente. De forma geral, a violência pode ser representada através de teorias, como as sociológicas, psicológicas, psicanalistas, biológicas, jurídicas e feministas (MODENA, 2016). A partir dessas teorias é possível enxergar a violência de diferentes pontos de vistas para entendê-la. As desigualdades sociais, a má distribuição de renda e o desemprego são fatores a serem interpretados através das teorias sociológicas, por exemplo.

Assim como as causas, os tipos de violências têm aspectos amplos e fragmentados, porém estudos trazem categorizações, divisões e subdivisões que possibilitam filtrar informações de um contexto geral à um específico. Para Zizek (2014), existem dois tipos de violências: subjetiva e objetiva. A subjetiva, é a violência visível, que causa perturbação alterando o estado de paz e de normalidade. Já a violência objetiva, é considerada invisível pois a mesma conserva aquilo que é dito como estado de normalidade.

A tipologia da violência apresentada pela OMS (2002), traz três categorias principais de violência, sendo elas: violência dirigida a si mesmo (auto-infligida), violência interpessoal e violência coletiva. As mesmas ainda são subdivididas, em tipos específicos de acordo com sua categoria. A violência auto-infligida, refere-se ao ato de atentar contra si mesmo e é subdividida em comportamento suicida e auto-abuso. Violência interpessoal, ocorre entre pessoas do seu convívio cotidiano, subdividida em violência da família e violência comunitária. Violência coletiva, trata-se de violência cometida por grandes grupos ou pelo Estado, subdividida em violência social, política e econômica.

Existem formas mais específicas de abusos e que estão associadas as categorias e subcategorias citadas anteriormente, elas servem como indicadores no que se referem a origem da violência, são caracterizadas como:

A violência física (ação ou omissão que coloque em risco ou cause danos à integridade física de uma pessoa), a violência moral (ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher), a violência psicológica (ação ou omissão destinada a degradar ou controlar as ações, comportamentos, crenças e decisões de outra pessoa por meio de intimidação, manipulação, ameaça direta ou indireta, humilhação, isolamento ou qualquer outra conduta que implique prejuízo à saúde psicológica, à autodeterminação ou ao desenvolvimento pessoal), a violência sexual (ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual, físico ou verbal, ou a participar de outras relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal) (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2019).

Essas e outras características de violência podem acarretar vários danos as pessoas que sofrem com os atos de abusos no cotidiano. Em relação ao contexto de violência vivenciada pela população homossexual encontramos as mais variadas formas, incluindo a violência física que em alguns casos já acarretaram até morte dos indivíduos. Para adentrar neste contexto considera-se importante abordar sobre a definição de homossexualidade, de acordo com Franco (2009), o termo homossexualidade passou a referir-se a uma pessoa que sente algum tipo de atração por outra do mesmo gênero, tornando-se oposta em relação à heterossexualidade estabelecida pelos padrões sociais contemporâneos.

A forma mais evidente de violência contra homossexuais é conhecida como homofobia, que segundo, Molina (2011), é o preconceito contra aqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, caracterizado por gestos, olhares, agressões verbais e físicas e assassinatos. Em uma pesquisa realizada na cidade de São Paulo, no ano de 2005, durante a “parada do orgulho LGBT”, foi constatado que 72,1% dos entrevistados responderam já ter sofrido algum tipo de discriminação por conta da sua orientação sexual (BRASIL, 2012).

Um dado recente, mostra como a violência contra homossexuais tem se alastrado no Brasil, constatando que ocorreram 445 mortes de pessoas do grupo LGBTI+ no ano de 2017, 30 no estado do Ceará e no total 148 vítimas na região Nordeste. O mesmo estudo traz que o preconceito e intolerância aparece como maior causa das mortes, destacando que 56% das mortes ocorreram em vias públicas, enquanto 37% na própria residência da vítima, 136 pessoas foram mortas a tiros, 111 por armas brancas, e os demais casos ficaram divididos entre espancamento, asfixia, pauladas e outros (GGB, 2017).

No contexto da violência sofrida por professores homossexuais no ambiente escolar salienta-se que “a escola não consegue impedir que a violência se manifeste em seu interior, ela interage em todos os sentidos com a sociedade e acaba por absorver também os fenômenos que se alastram em outras esferas sociais” (SOARES e MACHADO, 2013, p.1). Desta forma, pode-se subentender que os docentes estão expostos em seu ambiente escolar as mesmas formas de violência que vivenciam fora dele.

Segundo as autoras citadas anteriormente, os professores muitas vezes são vítimas da violência dentro da escola, seja esta de natureza física, verbal ou simbólica. E isso inclui a violência sofrida por motivações de sexualidade, já que a escola cria barreiras, quando decide manifestar e apontar os modelos a serem seguidos, não permitindo que os indivíduos se reconheçam, tornando-se um ambiente discriminatório e contrário a sua função principal de formação plena.

No território escolar, é possível encontrar sexualidades que não se encontram alinhadas com os discursos hegemônico de uma sociedade “heteronormativa”, ou seja, esses professores homossexuais experimentam a homofobia na escola que se manifesta

Tem-se que o contexto de trabalho dos professores homossexuais pode ser complexo, tendo em vista, as possibilidades expandidas que os mesmos tem de sofrer com violência provocada pela homofobia. O que se percebe é que antigamente o decente era um profissional respeitado e valorizado pelo crescimento intelectual e social dos alunos, porém eles estão ficando à mercê das práticas de violência dentro da escola, o que acarreta danos na sua capacidade e estímulo em exercer seu trabalho (GURGEL, MATOS e VIANA, 2012).

METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa de campo com cunho qualitativo do tipo descritiva, que segundo Silva, Veloso e Rodrigues Jr. (2008) possibilita a interpretação das manifestações humanas através de uma contextualização social dos indivíduos.

A pesquisa foi realizada com cinco (05) professores homossexuais de escolas estaduais do município de Iguatu - Ceará. Para participar da pesquisa, era necessário que os indivíduos fossem maiores de 18 anos, exercessem o cargo de professor e se reconhecessem, em relação a sua sexualidade, como homossexual.

Para a coleta dos dados utilizou-se com os investigados um questionário semiestruturado contendo seis perguntas (objetivas e subjetivas) que foram expostas, interpretadas e analisadas. Gil (2008), define questionário como uma técnica de investigação sobre um determinado assunto. É composto por questões, muitas vezes formuladas pelo próprio pesquisador, desenvolvidas com enfoque no tema da pesquisa para obtenção dos resultados através das respostas.

Os procedimentos da pesquisa ocorreram segundo sugere a Resolução Nº 510, de 07 abril de 2016 do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), na qual, inicialmente foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) juntamente com o Termo de Consentimento Pós-Esclarecido, para que os pesquisados pudessem tomar conhecimento das questões éticas da pesquisa. Na sequência foram explicados os objetivos do estudo e solicitado aos participantes que assinassem os termos e respondessem ao questionário.

O estudo teve o método análise de conteúdo como estratégia para interpretação dos dados coletados. Segundo Bardin (2016), esse método é utilizado para interpretar mensagens, onde o pesquisador deve analisar de maneira lógica o que foi dito pelo sujeito interrogado a partir das respostas.

Para a análise dos dados foram criadas três categorias baseadas nas indagações realizadas e respondidas pelos entrevistados. A primeira busca expor o número de participantes já sofreram violência por conta da sua sexualidade. Na segunda, foram destacados os investigados que já vivenciaram algum tipo de violência no ambiente escolar pelo fato de serem homossexuais. Esta categoria foi dividida em 4 subgrupos, são eles: violência sofrida no trabalho, olhares de repreensão e julgamento, violência contra colegas homossexuais e discriminação contra professores LGBTQ+ no âmbito escolar. Na última categoria foram analisadas as falas dos professores em relação a maneira que os mesmos lidam com a violência experimentada no espaço de trabalho.

Na categoria 01, denominada de Violência Sofrida por Motivos Ligados a Sexualidade, obtivemos três (03) professores que disseram já ter vivenciado algum tipo de violência por conta da sua sexualidade. Segundo Barros e Menezes (2014), as atitudes lesbofóbicas, homofóbicas, bifóbicas e transfóbicas são estigmatizantes e atribuem modos de ser e agir aos indivíduos, ao mesmo tempo em que geram e admitem atos de violência a essa população. Os investigados destacaram ainda que sofreram violência psicológica, moral e verbal ocorreram de maneira perceptível e incomoda. Já os outros dois (02) pesquisados proferiram nunca ter sofrido nenhum tipo de abuso.

Na segunda categoria - Violência Vivenciada no Ambiente Escolar por Conta da Sexualidade - foram elencados quatro (04) subgrupos, no qual o primeiro foi denominado de violência sofrida no trabalho, a análise das respostas correspondentes a esta classe observou que dois (02) docentes já tinham sofrido violência verbal e outros três (03) nunca vivenciado nenhum tipo de violência no trabalho por conta da sua sexualidade. O que podemos considerar algo positivo tendo em vista pesquisas realizadas no país sobre a temática, em que autoras como Molina e Figueiró (2012), apontam que nos relatos encontrados em seus estudos, contata-se:

haver na escola um cultivado e acentuado silenciamento em relação à homossexualidade, às pessoas homossexuais e aos seus modos de viver [...] Institucionalmente, evita-se falar de respeito à diversidade sexual e continua-se, obstinada e ostensivamente, a ensinar e a incentivar que se pense e se aja de maneira a reprimir, marginalizar e estigmatizar as pessoas consideradas homossexuais (p. 74).

Concluindo a análise do primeiro subgrupo tem-se que os professores vítimas das agressões destacaram que elas foram proferidas por alunos e colegas de trabalho, ocorrendo de forma verbal através de comentários, indiretas e "piadinhas". Facco (2009) ressalta que a escola, por ser a representação da sociedade, tende a reproduzir as relações ocorridas no meio social, até mesmo as práticas de homofobia, que podem ocorrer em salas de aulas, pátios, corredores, banheiros, enfim, em todos os ambientes por onde circulam estudantes, funcionários em geral e professores.

No segundo subgrupo da categoria dois (02), denominado: olhares de repreensão e julgamento, obtivemos que quatro (04) docentes não percebem olhares repressivos por conta da sua sexualidade, porém um professor destacou perceber olhares díspares emitidos por alunos e professores da escola onde trabalha. Para Molina e Figueiró (2012), o preconceito contra pessoas homossexuais, é diariamente marcada por gestos, olhares, palavras e agressões, no entanto, analisa-se positivamente os dados interpretados neste ponto, já que a maioria dos investigados não percebem julgamento ou repreensão através de olhares, por motivos relacionados a sua sexualidade.

A terceira classe dessa categoria vem apresentar problemáticas conexos a violência contra colegas de trabalho homossexuais. Nela observou-se que três (03) professores afirmaram ter conhecimento de colegas docentes que sofreram algum tipo de violência no âmbito escolar, enquanto dois (02) investigados relataram que não tinham conhecimento de nenhum caso relacionado ao assunto. Para entender esse contexto, ressalta-se que "as discriminações por gênero, etnia e orientação sexual são reproduzidas em todos os espaços da sociedade brasileira, incluindo o espaço da escola" (MOLINA, 2013, p. 52). Sendo assim, infelizmente, não nos surpreende o fato da maioria dos pesquisados apontarem ter conhecimento de colegas homossexuais que já sofreram com violência no contexto escolar.

No último subgrupo da segunda categoria buscou-se verificar se os entrevistados percebiam algum tipo de discriminação

contra professores LGBT+ no ambiente escolar. O que se observou através dos dados colhidos foi que um (01) docente afirmou não perceber discriminação aos docentes LGBT+, porém quatro (04) professores asseguraram observar no espaço escolar algum tipo de discriminação contra os professores LGBT+. Ocorre, que a violência contra essa população se dá em várias esferas da sociedade, podendo ser observada no âmbito familiar, nas escolas, na igreja, na rua, na mídia, nas forças armadas, assim como em vários locais de atuação do poder público (BRASIL, 2012).

Os investigados destacaram ainda, que as atitudes discriminatórias partiam dos alunos, colegas de trabalho e dos pais. Sobre isso, Silva, Chagas e Silva (2016, p. 06), relatam que o preconceito contra os docentes homossexuais sempre vem de muitos lados, partindo dos professores, dos pais e dos alunos. Destacam ainda, que “a nossa sociedade não compreende que ser ou não homossexual, não define a prática do professor, não define se ele vai ser um bom ou mau profissional”.

Na terceira e última categoria deste estudo, buscou-se conhecer e entender como os professores homossexuais lidam com as formas de violência no seu âmbito de trabalho. Um dos investigados destacou que procura evitar o conflito, ignorando possíveis atitudes discriminatórias. Outro docente relatou que releva possíveis atitudes negativas relacionada a sua sexualidade, já um seguinte entrevistado descreveu que busca dialogar com os colegas de trabalho e os alunos a cerca das questões impostas pela sociedade relacionadas a gênero e sexualidade. Para Silva, Chagas e Silva (2016, p.6), o professor que vivencia formas de preconceito dentro da escola pode tentar conquistar os alunos levando-os a entender:

que a sua condição sexual não influenciará em suas aulas na questão da aprendizagem da disciplina, que ele não é uma má pessoa, que não fará nada para prejudicá-los, nem faltar com pudor, já que essa é uma ideia que muitos têm em relação aos homossexuais. Ao mesmo tempo esse professor pode mostrar a diversidade que sempre existiu e agora é mais discutida, que tem outras formas de constituir família e de se relacionar. Essa conversa com os alunos é muito importante para que com esse diálogo o professor tenha mais liberdade para exercer a sua prática docente, sendo possível que os alunos compreenderem os motivos do professor e enxergue-o como profissional.

Sobre a problemática abordada na terceira categoria chamou-nos atenção a fala de um investigado que descreveu o seguinte: “me isolo tento ficar em locais reservados, fugindo as vezes de pessoas próximas ao ponto de atrapalhar no ambiente de trabalho”. É necessário haver uma reflexão acerca da fala do docente investigado, pois como observa-se as formas de violência vivenciadas por ele chamam a tal ponto de atrapalha-lo em seu trabalho. Louro (2014), afirma que preconceito relacionado a homofobia é consentido, vivenciado e ensinado nas escolas, por meio de ações discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças, agressões, entre outras formas de violência. Sendo essas ocasiões algo constante na vida escolar e profissional dos homossexuais.

Essa realidade é uma forma enorme estressor social, que prejudica a saúde mental e qualidade de vida dos professores, podendo aumentar em quase seis vezes a ocorrência de quadros depressivos e suas extensões, relacionadas ao “sentimento de culpa, medo, desconfiança, confusão, insegurança, ansiedade, vergonha, isolamento social, dificuldades de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, disfunções sexuais, hostilidade, distúrbios alimentares e uso/abuso de substâncias psicoativas” (ALBUQUERQUE et al, 2016, p. 102).

Ao finalizar a análise é importante compreender que a luta pela igualdade não objetiva a universalização de pensamentos que beneficiem uma sexualidade em detrimento de outra, mas que haja respeito a diversidade e sua expansão, que ocorre juntamente com as transformações sociais, econômicas, culturais e educacionais (FIALHO, NASCIMENTO e XEREZ, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir os estudos observou-se parte dos investigados sofreram ou vivenciaram situações de violência relacionada a sexualidade, apesar disso, contata-se que diante de outros estudos e debates desenvolvidos no Brasil, a realidade investigada nesta pesquisa tem características positivas, pois alguns dos professores envolvidos no estudo relataram nunca ter sofrido violência no ambiente escolar.

No referido as formas de violência vivenciada pelos pesquisados encontrou-se como resultado que a violência psicológica, moral e verbal são as que mais estão presentes no cotidiano de trabalho desses docentes. Observou-se também que eles se utilizam de várias estratégias para lidarem com a discriminação, as ofensas e os constrangimentos, sendo em determinado caso, o isolamento a tática empregada pelo professor para fugir dos abusos vivenciados por ele.

Desta forma, tem-se que as propostas elencadas para essa pesquisa foram atingidas, acrescentando como sugestões ao estudo, o desenvolvimento de mais políticas públicas educacionais voltadas para a temática de gênero e sexualidade, acarretando assim, debates, informações e esclarecimentos acerca da temática, possibilitando o respeito a diversidade em todos os níveis, bem como uma possível redução da violência contra professores homossexuais na escola e em todo o contexto social.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G.A. PARENTE, J.S. BELÉM, J.M. GARCIA, C.L. Violência Psicológica em Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais no interior do Ceará, Brasil. **Rev: Saúde Debate**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 109, p. 100-111, ABR-JUN 2016.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROS, S.D. MENEZES, J.A. “Gritos silenciados”: narrativas sobre gênero e diversidade sexual no ensino e na formação de professoras e professores da cidade do Recife. RECIFE, 18º REDOR - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNABUCO, 2014. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/984/798> Acessado em: 05/04/2019.

BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**: ano de 2012. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e Normas Regulamentadoras da Pesquisa em Seres Humanos: **Resolução 510/2016**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf> Acessada

em: 08/04/2019.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Formas de Violência Contra a Mulher:** Tipos de Violência. Brasil. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia> Acessado em: 02/04/2019.

FACCO, L. **Era Uma Vez Um Casal Diferente:** A Temática a Educação Literária Infanto-Juvenil. São Paulo: Summus, 2009.

FRANCO, Neil. **A Diversidade Entra na Escola:** Histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

FIALHO, L.M.F. NASCIMENTO, L.B.S. XEREZ, A.S.P. O Que as Professoras da Educação Básica Sabem Sobre Gênero? **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, V.8 11, n. 27, p.63-79 jan./abr. 2016.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** / Antônio Carlos Gil. - 6. ed.-São Paulo: Atlas, 2008.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil. Relatório 2018. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>. Acessado em: 05/04/2019.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil. Relatório 2017. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2017-1.pdf> Acessado em: 05/04/2019.

GURGEL, C.R. MATOS, F.A.S. VIANA, S.S.A. **A Violência Contra Professores: Saberes e Práticas.** Fórum Internacional de Pedagogia - Parnaíba - PI. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Petrópolis: Vozes; Edição: 16ª. 2014.

MODENA, M.R. **Conceitos e Formas de Violência** [recurso eletrônico]: / org. Maura Regina Modena. - Caxias do Sul, RS: Educ's, 2016.

MOLINA, L.P.P. FIGUEIRÓ, M.N.D. Professores Homossexuais - Suas Vivências Frente à Comunidade Escolar. Araraquara. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação.** V.7, Nº.2. P. 58-77. 2012.

MOLINA, L.P.P. Professores Homossexuais - Suas Vivências Frente à Comunidade Escolar. **Caderno de Gênero e Tecnologia.** V.7, Número 25/26 - janeiro a junho, 2013.

MOLINA, L.P.P. A Homossexualidade e a Historiografia e Trajetória do Movimento Homossexual. **Revista: Antíteses**, V. 4, n. 8, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE; KRUG, Etienne G. **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

SILVA, E.W. **Sociologia da violência.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. 92 p.

SILVA, F.A.F. CHAGAS, T.K.E. SILVA, R.C.C. **Narrativas de Professores Homossexuais Na Docência e no Cotidiano Escolar.** Garanhuns, V EPEPE - V Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco. 27 a 29 de Agosto 2016.

SOARES, M.B. MACHADO, L.B. Violência Contra o Professor: Sentidos Compartilhados e Práticas Docentes Frente ao Fenômeno. Goiânia, **36ª Reunião Nacional da ANPEd** - 29 de setembro a 02 de outubro de 2013.

RAMOS, S. CARRARA, S. A Constituição da Problemática da Violência contra Homossexuais: a Articulação entre Ativismo e Academia na Elaboração de Políticas Públicas.

PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 16(2):185-205, 2006.

ŠKREK, S. **Violência: Seis Reflexões Laterais / Slavoj Žižek;** Tradução Miguel Serras Pereira. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2014.